

27 DEZ 1984

27 DEZ 1984

Dívida 60

Galvésias prevê acordo até março

O acordo entre o Brasil e seus credores que deverá estabelecer um esquema de financiamento da dívida externa para os próximos cinco anos, segundo o Ministro da Fazenda, Ernane Galvésias, poderá ser fechado antes de março.

Ao fazer breves comentários ontem a respeito do rumo das negociações em seu escritório no Rio, o Ministro afirmou que o "atraso era absolutamente natural" e que não eram verdadeiras as versões de que os banqueiros estivessem deixando o país em **banho maria** para esperar pela sucessão presidencial.

— Essa interpretação não é correta. O que está ocorrendo é uma demora comum em qualquer negociação. No próximo dia 3, estarão em Nova Iorque o Presidente do Banco Central, Afonso Celso Pastore, e o diretor da Área Externa do banco, José Carlos Madeira Serrano, para retomarem as conversações com os credores, que estão tendo um curso absoluta-

mente normal. O Brasil já colocou sua proposta na mesa e agora está apenas aguardando a resposta, que poderá ser dada a qualquer hora — disse Galvésias, tendo comentado que "quem viver, verá".

O Ministro também nega que o Fundo Monetário Internacional tenha decidido aprovar a 7ª Carta de Intenção somente após a posse do novo Presidente da República. De acordo com ele, as pessoas que estão fazendo esse tipo de observação desconhecem a burocracia do Fundo.

— Nós estamos terminando o memorando técnico da 7ª Carta e a missão que esteve no Brasil está, por sua vez, finalizando o relatório que submetterá à direção do FMI. A apresentação do memorando e do relatório à direção (**board**) dessa entidade poderá ocorrer só em fins de fevereiro ou início de março. Mas os termos da Carta, obviamente, já estão praticamente aceitos mesmo

antes da aprovação pela direção — explicou.

COLCHÃO DE LIQUIDEZ

A proposta brasileira de um pacote plurianual, que resulte no reescalonamento das amortizações da dívida externa que se vencem nos próximos cinco anos (de 1985 a 1989), na opinião do Ministro da Fazenda, "é a melhor negociação que poderia ser feita".

Quanto às críticas ao fato de o Brasil não estar solicitando aos banqueiros internacionais novos empréstimos, disse que não estavam sendo pedidos porque não eram necessários; não havendo o risco de o país ficar sem um "colchão de liquidez em 85".

— Temos 7,5 bilhões de dólares em reservas, o que creio ser suficiente como colchão de liquidez. Poderia haver problemas se as taxas de juros internacionais subissem, mas as taxas estão caindo e os preços do petróleo também — afirmou.